

A TRANSFORMAÇÃO DO FUTEBOL BRASILEIRO: AVANÇOS E RECUOS NA SUA MODERNIZAÇÃO E REPERCUSSÕES NAS CATEGORIAS DE BASE¹

Júlio César Couto de Souza²

Resumo

Esta dissertação, defendida junto ao curso de mestrado em Educação Física da UFSC, teve como centro de sua problematização perceber o futebol brasileiro no contexto social e suas transformações ao longo de sua história, tendo como incidência principal a objetividade técnica instrumental para qual está voltado prioritariamente o ensino do futebol em escolinhas e categorias de base. Na ocorrência disto, alguns fatores foram relevantes, desde a busca incessante da chamada modernização do futebol brasileiro, ocasionando uma discussão histórica entre a ruptura ou síntese entre futebol arte e futebol força, passando pela espetacularização do futebol como mercadoria e culminando com as novas legalizações que permeiam o futebol, entre elas Lei Zico e Lei Pelé. Na busca do entendimento deste contexto, foi necessário “recuar”, e compreender os rumos tomados pela sociedade moderna que traz a marca da cientificidade como pressuposto de verdade, ponto fundamental que impulsiona o futebol no rumo da sistematização, do tecnicismo e da eficiência. Percebemos como problemático o caráter instrumental que isto assume e vai repercutir no futebol, em especial no processo de ensino/treino deste, principalmente com as categorias de base.

Abstract

This dissertation, presented for taking the master degree in Physical Education by UFSC, had central theme to understand Brazilian soccer in its social transformations along the history. A special attention was destined to instrumental technical soccer, as much at school as in the clubs. It was discussed the modernization of the Brazilian soccer, taking into account the ruptures and synthesis between art soccer and force soccer, soccer as show and commodity, and the new sport laws, like Lei Zico and Lei Pelé. In search of studying this context, it was necessary to "retreat", and to understand the directions taken by the modern society, that brings together the marks and pretensions of science and absolut truth, fundamental points that impels the soccer in the direction of systemization and strong technical efficiency. It's saw as very problematic, the instrumental character that this process assumes, mainly by teaching and training of young players.

O PROBLEMA, SEU CONTEXTO E IMPORTÂNCIA

O futebol, nas últimas décadas, tornou-se tema de interesse de diversas áreas acadêmicas. A Educação Física, a Sociologia, a Antropologia e a História são áreas que, direta ou indiretamente, utilizam-se do tema “futebol” como objeto de pesquisas.

Talvez, a explicação disto esteja no quanto esta manifestação esportiva, cada vez mais, vem sendo um agente mobilizador de pessoas na sociedade moderna, acontecimento dificilmente superado por qualquer outra manifestação social.

Levados por nossa experiência profissional de vários anos inseridos no “mundo” do futebol, juntamente com o entendimento acima exposto, é que legitimamos o tema escolhido para uma dissertação de mestrado, em que priorizamos como exigência mínima que este tema tenha um significado relevante junto ao contexto social.

O foco de nosso estudo foi direcionado às transformações que vem acontecendo no futebol atual, onde compreendemos que, cada vez mais, este jogo vem ganhando um caráter de espetacularidade e mercadorização, amparado pela possibilidade de sua transformação num grande negócio, e as possíveis consequências que possam vir a ocorrer (e vêm ocorrendo), causadas por esta transformação. Entre várias que poderíamos destacar, “focalizamos” as repercussões disto no processo de ensino do futebol nas categorias de formação de futuros atletas. Os exemplos destas transformações ficam por conta do avanço científico na área, das novas “legalidades” do futebol, principalmente pela transformação dos clubes em empresa³, dos grandes negócios que giram em torno do futebol, na compra e venda de atletas, e os pesados investimentos feitos pela mídia na concorrência pela exclusividade dos direitos de transmissão dos campeonatos.

Inserido no mundo dos negócios, o futebol está “naturalmente” inserido num contexto capitalista, em que a estrutura deste sistema esta amparada na mercadoria, seu produto básico. O futebol transforma-se em mercadoria, um reflexo que se estende também aos próprios jogadores de futebol⁴. Neste contexto

¹ Dissertação de Mestrado, defendida em Abril/2001 no Curso de pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, na área de Teoria e Prática Pedagógica sob a orientação do Prof. Dr. Elenor Kunz

² Mestre em Educação Física

(mercadológico), algumas exigências tornam-se fundamentais; uma delas é que seus produtos sigam a ordem colocada, ou seja, correspondam aos investimentos feitos. Para isto, torna-se necessário “preparar” esta mercadoria, direcionando-a a suprir as expectativas nela depositada.

O trajeto percorrido pelo jogador de futebol, atualmente, passa quase que na sua totalidade (alguns casos ainda são exceções) pelas categorias de base, em cujos objetivos destacam-se: permitir a possibilidade de correção técnica e tática do jovem jogador, inculcar no jovem a predisposição para o trabalho físico, adequar o jogador as normas do clube, requisitos básicos para preencher vaga no mercado de trabalho, (padronização, disposição, e obediência).

Estas categorias viraram um centro por excelência de formação de talentos esportivos. Nas palavras de Florenzano (1998:40), *“o percurso ao longo do qual as insuficiências físicas, os defeitos técnicos e os vícios da conduta de vida ver-se-iam corrigidas e sanadas. Eis o porque da extraordinária valorização das escolinhas de futebol”*.

Para alguns autores, estas escolinhas/categorias de base⁵, surgidas pelo final da década de 60 no Brasil, estão ligadas à crise futebolística instalada pela classificação ou melhor, pela desclassificação do selecionado brasileiro na Copa de 1966 na Inglaterra⁶, quando diversas vozes exaltaram a necessidade de um futebol moderno, aos moldes do futebol apresentado principalmente pela própria Inglaterra, campeã naquela copa, um futebol de extrema força física.

Esta chamada modernização⁷ do futebol exacerbava a força física em detrimento da criatividade, das jogadas improvisadas, características, se não exclusivas, mas prioritárias do futebol brasileiro. Nisto, acentuavam-se as discussões entre futebol arte (o futebol obsoleto), e o futebol força (o futebol moderno).

Uma das principais rupturas entre um e outro passava pela questão da cientificidade na sua forma de jogar, representada pelos modelos de jogos padronizados, metodicamente organizados e principalmente na ênfase dada aos processos científicos direcionados ao aumento da “força física” dos jogadores⁸. A modernização do futebol coloca como imposição a formação de um novo jogador capaz de atender as exigências de um novo futebol, cabendo a ciência um papel decisivo para obtenção deste objetivo.

Esta nova imposição, nas palavras de Florenzano (1998:17), *“(...) é em decorrência da qual submete-se a arte às exigências da objetividade, funcionalidade e busca da eficácia que regem as equipes organizadas como máquinas disciplinadoras de jogar futebol”*.

Esta consideração feita à equipe como máquina, no nosso entendimento, irá expressar numa forma de jogar que interpreta também um modelo de sociedade que está se estruturando, e que traz em si um novo paradigma. Nas primeiras décadas do século XX, conforme Sevckenko (1994) o desenvolvimento dos esportes, dava à máquina um lugar de destaque no imaginário social.

Para o futebol moderno, este modelo passa a ser o modelo perfeito, concretizando-se na sua realização prática, em que a equipe é vista como uma máquina de jogar futebol, e os jogadores como peças desta máquina.

Esta concepção vem juntamente com a ascensão da ciência moderna, que progredia através de entendimento de um mundo com funcionamento dirigido pela previsibilidade, pela perfeição, metodicamente racionalizado, calculado, culminando num novo entendimento de sociedade, ditada pela ciência positiva moderna.

Nisto, torna-se compreensível que o “produto científico” amparado sob a égide da matemática e do cálculo, necessários à uma sociedade mercantil, tendo nas próprias trocas mercantis suas bases, seja o “produto” com maior aceitação no âmbito social. Toda a verdade torna-se verdadeira cientificamente, e todo o científico passa a ser verdade. A previsibilidade torna-se a condição fundamental para evitar o erro. O método torna-se a obsessão dos modernos.

É sobre este modelo de ciência que Horkheimer e Adorno (1985) traçam severas críticas, ao perceberem que a inverdade do esclarecimento (ciência), não estaria somente no método, mas principalmente no processo a ser decidido de antemão. Para estes autores, o positivismo assumiu a magistratura na modernidade.

A ciência e a técnica aparecem como instrumentos do conhecimento, que legitimam e constroem o discurso da modernidade. Para Horkheimer e Adorno (1985: 20) *“a técnica é a essência deste saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método (grifo no original) , a utilização do trabalho do outro, o capital”*.

Emerge deste contexto a figura do cientista como legítimo portador da verdade, figura esta em quem será depositada a confiança do que pode ser definido como correto. A ciência (embora com duras críticas) passa a ser um dos melhores acontecimentos, legitimando a idéia de que qualquer procedimento precisa ser científico para ter o respaldo e a credibilidade social.

A consequência disto é que se torna necessário passar pelo crivo do cientista as decisões e o cuidado de organizar a sociedade. Ao cientista cabe o encargo da diferenciação entre o bem e o mal para a sociedade, do que tem valor científico e do que não tem este valor, de apontar novos caminhos pelo conhecimento das leis naturais, pela previsão, logo, também pela manipulação.

É justamente sobre estes pesquisadores identificados com a modernização e suas concepções que serão depositadas as responsabilidades de agir sobre a sociedade e tudo que a ela se relaciona. No caso aqui discutido,

abre-se no campo esportivo, em especial no futebol, um espaço onde também agirão os cientistas, seus métodos e, principalmente, suas interpretações dos fenômenos, calcadas hegemonicamente numa visão mecanicista, determinista, reducionista, dualista e linear.

Esta submissão do futebol ao modelo científico tem seus motivos explicativos na guinada do futebol, de um jogo a “esporte espetáculo”, transformado concomitantemente com o resplandecer de um novo conceito de sociedade com base na produção, na concorrência, no mercado, nos valores e na exploração.

Para uma sociedade moderna, um futebol moderno! Este futebol vai formando sua estrutura – regras, dinâmica de jogo, número de jogos anuais, treinamentos, etc. - voltada para um mercado deste próprio espetáculo. O resultado é um futebol altamente competitivo e um elevado grau de estratégias e sistemas rígidos e inflexíveis, em que o jogador será adaptado ao sistema.

Parece que este caminho tomado pelo futebol inibe outras possibilidades, como os aspectos subjetivos, tais como os sentimentos, a liberdade de expressão, a ansiedade, o medo, as paixões. Sabemos perfeitamente os benefícios trazidos pelas ciências no contexto esportivo, como também no futebol, mas também percebemos o quanto de contradições vêm trazendo para este meio.

Insistentes indagações nos permearam e nos levaram a elaborar este trabalho, principalmente as exigências feitas aos jogadores no que concerne a adaptação à “evolução” deste “novo” futebol, que vão repercutindo também nas categorias de base dos clubes de futebol, alvo de nossa discussão.

O que notamos é que existe uma tentativa de formar rapidamente o jogador para o mercado de trabalho. Isto faz com que se tente levar os jovens jogadores, que são formados nestas categorias, a atingirem precocemente o “amadurecimento” do estado atlético e da assimilação dos sistemas de jogo, para serem lançados neste mesmo mercado.

Com isto, os processos de ensino vão direcionando-se cada vez mais a especializações de funções, automatização de gestos e técnicas esportivas, e incremento de cargas de treinamento físico. Cada vez mais, a metodologia científica subsidia os treinamentos e os jogos dos jovens atletas.

Os aspectos de “formação” e aprendizagem dos jovens, raras vezes são levados em consideração. A ludicidade, a vivência de outras experiências, na maioria das vezes são relegadas a segundo plano. O máximo que se faz nestes processos de ensino, não é uma transformação pedagógica, mas sim uma adaptação destes. O que se aplica quase sempre é o mesmo “remédio” com medidas menores. O remédio no varejo vira veneno no atacado.

A passagem geral desta discussão nos permite observar que esta racionalidade permeia os discurso e as práticas nos processos de ensino e aprendizagem no ensino do futebol. Como resultado disto, temos um ensino de vivências esportivas, objetivando ou não a competição, que é instrumentalizador, técnico, do “fazer pelo fazer”, não voltado à reflexão deste próprio movimento e de todo o seu contexto, descaracterizando em parte o modo de jogar do jogador brasileiro.

Brodthmann e Trebels (citados por Kunz, 1989: 69) entendem que “*compreender o esporte é ultrapassar os limites de sua efetividade prática, ou seja, o saber em relação as realizações objetivas do esporte*”. É justamente nesta ultrapassagem da efetividade prática do ensino dos esportes e, por conseqüência, do futebol, que entendemos que os mais modernos procedimentos científicos continuam sem avançar, pois as orientações dos processos de ensinamento estão fortemente vinculados à uma visão científica que prioriza a obtenção do rendimento e a aprendizagem do gesto motor de forma estereotipada.

Nesta forma de ensinar/aprender futebol, alguns fatores inerentes a este esporte, por mais que venham sendo apresentados e discutidos, raramente são vistos e refletidos no processo pedagógico de ensino do futebol em escolinhas e categorias de base.

Entendemos que a forma mais acessível para ensinar/aprender futebol, ou qualquer jogo coletivo, passa por interessar o praticante ao conteúdo apresentado, motivando-o através de situações que explorem sua ludicidade (caso raro no futebol atual), que levem em consideração o seu repertório de movimentos trazidos consigo, que induzam ao questionamento e a autonomia de respostas, como também sejam prazerosos.

O tema da instrumentalidade técnica no ensinar esportivo (Kunz 1994), e principalmente no aprender a jogar futebol do jogador brasileiro (Capela 1996), é assunto polêmico. Particularmente, nós também nos posicionamos a este respeito em nosso trabalho e defendemos que o brasileiro simpatiza com uma forma própria de aprender a jogar futebol. Longe dos ensinamentos padronizados dos manuais, longe dos fundamentos técnicos do jogo, o brasileiro aprende a jogar futebol... jogando.

A TRAJETÓRIA DA DISSERTAÇÃO

Com base nesta explicitação do problema de pesquisa, o estudo teve como objetivo geral refletir sobre algumas propostas teóricas para o ensino de futebol, no sentido de apontar alternativas no trato pedagógico dado atualmente no ensino dos esportes, como também (re)significá-lo para o nosso contexto histórico. Como objetivos específicos, destacamos: 1) analisar o contexto histórico ao qual está inserido o futebol como esporte moderno no Brasil, 2) analisar as possíveis transformações ocorridas no futebol, provenientes do que convencionalmente

chamamos de moderno no contexto social, e 3) perceber de que forma isto repercute no processo de ensinar/aprender futebol nas categorias de base e escolinhas de futebol.

A intenção não foi a de, a partir deste trabalho, proceder esta leitura crítica de forma abrangente e profunda, porém, lançar indicativos de como esta poderá se desenvolver. Percebeu-se, também, que para uma melhor aprofundamento do tema, seria muito importante estabelecer um constante diálogo entre os atores teóricos, no caso os teóricos da Teoria Crítica da Sociedade e da Sociologia Crítica do Esporte, e os atores empíricos, os diretamente envolvidos com as práticas do futebol. Porém, tendo em vista o reduzido prazo para a conclusão deste trabalho, e o entendimento que a contribuição melhor que poderíamos dar viria de uma análise teórica do problema, optou-se, para o presente estudo, apenas o aprofundamento das questões teóricas da pesquisa. Tendo em vista, inclusive, que não são muitos os estudos, na área, de cunho teórico-crítico sobre o futebol brasileiro, nem trabalhos que se fundamentam em pressupostos mais amplos, envolvendo o contexto social e cultural.

Do ponto de vista metodológico, destaco Demo (1992), por acreditar como este autor, que existem dois caminhos para perceber a realidade, em que um considera esta como algo pronto, algo feito, e o outro, como algo a fazer, pois entende essa realidade como criativamente histórica, sendo mais importante que o próprio método. Enquanto pesquisador, acredito na realidade como algo em transformação, e que o método me auxilia na organização da percepção da realidade, mas que essa realidade é muito mais complexa do que qualquer método possa alcançar completamente.

A ênfase especial nesta pesquisa são as questões de caráter teórico-conceituais e as análises de pressupostos teóricos re-lidos com o olhar voltado para a questão prática do futebol. Por isto, o estudo se caracteriza por ser uma *pesquisa teórica* como na caracterização de Demo (1994:36), para quem a pesquisa teórica

“não implica imediata intervenção na realidade, mas nem por isso é menos importante. Seu papel é decisivo para construir condições básicas de intervenção, precisamente o investimento em conhecimento como instrumento principal de intervenção competente. A pesquisa teórica perfaz uma condição fundamental desta competência e determina, por isso, a qualidade da intervenção”.

Continua o autor para dizer que será teoricismo imaginarmos que a teoria basta, mas torna-se um componente estratégico de competência inovadora *“navegar com desenvoltura, sobretudo como sujeito construtivo, nos meandros da discussão teórica, participando da vanguarda”* (p.36).

Quanto a natureza da abordagem e interpretação do objeto de estudo, a pesquisa se caracteriza como *qualitativa*, conforme indicações para este tipo de pesquisa apresentado por Ludke e André (1986).

Desenvolveu-se no primeiro capítulo um estudo introdutório sobre as possíveis origens do futebol e suas relações com os contextos sociais em que ocorreram indicações de sua existência e desenvolvimento.

O segundo capítulo serviu-nos de amparo teórico para a totalidade dos estudos. Trata-se do desenvolvimento dos pressupostos teóricos básicos para toda a pesquisa, a partir de alguns teóricos da Teoria Crítica da Sociedade, da chamada Escola de Frankfurt, traçando algumas referências também às análises sócio-antropológicas do futebol brasileiro.

Para o terceiro capítulo ficou reservado uma análise mais específica do futebol brasileiro e suas transformações em esporte espetáculo, primeiramente pela mídia, e também influenciado entre outros, pelos (re)ordenamentos legais do futebol brasileiro, como Lei Zico e Lei Pelé, e suas possíveis repercussões no seu ensino/aprendizagem. Também neste capítulo, destacamos alguns procedimentos que, se melhor refletidos, poderão vir a contribuir num processo de ensino de um futebol contra-hegemônico.

Restando, assim, como conclusão do trabalho, as análises de possíveis conseqüências e aproveitamentos para o ensino do futebol brasileiro, notadamente a partir da existência e desenvolvimento da pedagogia crítica para esta área. Ou seja, procurando mostrar em que medida este estudo realmente poderá contribuir para futuras intervenções.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. (1985) *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- CAPELA, Paulo R.C. (1996). *O futebol brasileiro como conteúdo da Educação Física brasileira*. Dissertação de mestrado (em Educação). Florianópolis, Centro de Educação/UFSC.
- DEMO, Pedro. (1994) *Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro
- _____. (1992) *Metodologia Científica em Ciências sociais*, 2 ed. São Paulo: Atlas.

- FLORENZANO, José P. (1998) *Afonso e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo: Musa.
- KUNZ, Elenor. (1994) *Transformações didático-pedagógicas do esporte*. Ijuí: Ed.UNIJUÍ.
- _____ (1989) O Esporte enquanto fator determinante da Educação Física. In: *Contexto & Educação* Universidade de Ijuí, Ano 4, n°15, Jul-Set, p.63 –73.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- SEVCENKO, Nicolau. (1994) Futebol, metrópoles e desatinos. In: *Dossiê futebol*, Revista USP, n° 22. Jun-Ago.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BOFF, Leonardo. (1998). *O despertar da Águia – o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade*. Petrópolis: Vozes.
- CHAUÍ, Marilena. (1986) *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular brasileira*. 4 ed. São Paulo: Brasiliense.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. (1995) O futebol popular na Grã-Bretanha medieval e no início dos tempos modernos. In: _____. *A busca da Excitação*. Lisboa: Difusão.
- GUSDORF, Georges.(1978). *A agonia da nossa civilização*. São Paulo: Convívio.
- MURAD, Mauricio. (1996) *Dos pés à cabeça: Elementos Básicos de Sociologia do Futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural.
- PUCCI, Bruno. et al. (1999) *Adorno: O poder Educativo do Pensamento Crítico*. Petrópolis: Vozes.
- SANTOS, Joel Rufino. (1981) *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense.
- VINNAI, Gerhard. (1986) *El fútbol como ideologia*. 4 ed. : Siglo Veintiuno.

NOTAS:

- ³ Lembramos que uma empresa tem como objetivos principais a produção, a eficiência e o lucro
- ⁴ Entendemos o futebol como mercadoria, a partir da transação do espetáculo, assim como também os jogadores na forma como são negociados. O que é transacionado (comprado e vendido), transforma-se em mercadoria.
- ⁵ Em nossa dissertação, esclarecemos a diferença que entendemos entre escolinhas e categorias de base. A primeira compreendemos como um local privado que objetiva o ensino do futebol, direcionando ou não o jovem ao profissionalismo, as categorias de base, tem como objetivo principal a formação do jovem ao time profissional.
- ⁶ Nesta Copa, a seleção do Brasil ficou em 11º lugar, sagrando-se campeã a seleção da Inglaterra, vice a seleção da Alemanha ocidental, e terceiro lugar o selecionado Português. Novamente entendia-se que a Europa trazia para o mundo o modelo de modernização, desta vez para o futebol.
- ⁷ Entendemos como modernização do futebol brasileiro o processo que vem desde o profissionalismo do jogador de futebol, mas que acirra-se mesmo com a Lei Zico e posteriormente a Lei Pelé
- ⁸ Esta melhora na força física dos jogadores vinha ao encontro dos novos modelos de sistematização tática.